

Caríssimo leitor!

Chegamos ao último número de nossa revista em 2013. Foi bom tê-lo como companheiro dessa caminhada. Por você e para você, buscamos incessantemente a qualidade deste trabalho. Temas relevantes, assuntos de interesse coletivo forjam o arcabouço de nosso periódico. Discutimos questões que instigam a curiosidade, afligem diversos profissionais, respondem, tanto quanto possível, a questionamentos e a muitas dúvidas.

Inclusão, escolarização, aspectos oftalmológicos, crescimento da pessoa com deficiência visual, entre tantas outras abordagens, lhe foram disponibilizados. Esperamos contar com você no próximo ano. Sua fidelidade é a alavanca que nos move. As questões concernentes à deficiência da visão são uma preocupação nossa que, enormemente, queremos compartilhar com você.

A edição 56 apresenta cinco artigos que passaremos a declinar.

Em “Inclusão do aluno com baixa visão: colaboração entre o educador especial e o professor da sala comum”, Débora Lucila Carlos, Carla Ariela Rios Vilaronga e Silvana Tonon põem-nos diante de um assunto que merece atenção especial. As autoras falam-nos de baixa visão, assunto que ainda oferece um veio interminável de investigações. A relevância do estudo está ligada ao número crescente de crianças que, por motivos vários, estão dentro desse espectro.

A pesquisadora Rachel Maria Campos Menezes de Moraes, em “Braille e dêixis espacial: a importância da noção espacial no processo de ensino-aprendizagem do Sistema Braille por pessoas com cegueira adquirida”, trabalha questões extremamente importantes. Em uma época em que se vive o fenômeno da “desbrailização”, abordar o Sistema Braille diante dessa realidade é algo que chama a atenção de todos. O valor da temática fica ainda mais evidente quando a investigação se volta para pessoas que perderam a visão na idade adulta.

Em “A abordagem CTSA como possibilidade de ensino de ciências naturais e desenvolvimento de habilidades e autonomia da pessoa com surdocegueira”, Sonia Maria Vieira da Silva, Celso Sánchez e Tiago Batista discutem a necessidade de a surdocegueira ser estudada com muito afinco, uma vez que é uma deficiência que traz dupla privação: da audição e da visão. A busca de mecanismos pedagógicos que possam dar possibilidade de aprendizagem ao indivíduo surdocego é mais do que uma simples investigação acadêmica, é um compromisso firmado com a cidadania, direito às vezes negado a essas pessoas.

O artigo “Orientação e mobilidade da pessoa com cegueira adquirida: os benefícios do meio aquático como facilitador da aprendizagem”, de Regina Kátia Cerqueira Ribeiro, trata de um aspecto fundamental para a pessoa com deficiência visual, em particular o indivíduo cego: a orientação e mobilidade. Nesse estudo, a pesquisadora mostra o grande alcance dessa técnica ao usar o poder da água como elemento-chave. Direcionalidade, noção de distância, lateralidade, entre outros aspectos, oferecem ao cego a possibilidade de ter autonomia.

No quinto e último artigo, “A orientação e mobilidade para cegos deficientes múltiplos: uma proposta pedagógica a partir de jogos e histórias”, de Maria do Socorro Fortes de Oliveira, encontramos novamente a orientação e mobilidade, dessa vez como ponto de partida para uma vida independente. A proposta da pesquisadora centra-se na

ludicidade, que abre novas perspectivas ao ensino dessa disciplina, básica em qualquer programa e currículo da educação de pessoas com deficiência visual. Destaca, ainda, o público-alvo a ser atendido: pessoas com deficiência múltipla.

Esperamos ter atingido nossas metas e objetivos neste ano que aos poucos se despede.

Desejamos firmemente encontrá-lo, querido leitor, em 2014. Buscaremos sempre a excelência de estudos, a diversidade de temas e a lisura nas abordagens. O público-alvo deste trabalho, a pessoa com deficiência visual, merece a atenção de todos nós. A tarefa é árdua e exige de todos fôlego e competência.

Maria da Glória de Souza Almeida
Chefe de Gabinete
Instituto Benjamin Constant – IBC